

---

## OS TIPOS EM FORTALEZA: UMA PEQUENA HISTÓRIA DA IMPRESSÃO CEARENSE NO SÉCULO XIX

### TYPES IN FORTALEZA: A SHORT HISTORY OF PRINTING IN THE CEARENSE NINETEENTH CENTURY

---

Rafaela Gomes Lima  
Mestranda em História  
Universidade Estadual do Ceará  
E-mail: rafagl83@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo realizar um pequeno apanhado acerca da história da tipografia na capital do Ceará no século XIX. Visa-se apresentar os primórdios de seu desenvolvimento e o crescimento da atividade que foi adquirindo importância na medida em que o Ceará e sobretudo, Fortaleza foram se inserindo num contexto mundial de avanço material, - fato que se observa com mais ênfase na segunda metade do século-, o que também proporcionou um aumento das atividades culturais, com ênfase nas práticas letradas. Buscou-se então, para a realização da pesquisa, confrontar fontes de diversas naturezas, como jornais, livros de época, nos quais se pode identificar a tipografia responsável por sua impressão, além dos almanaques, revistas do Instituto do Ceará e obras de memorialistas. A análise das citadas fontes tentou responder as indagações acerca não só do número de estabelecimentos tipográficos em dados momentos da história, mas também dos tipos de impressos que por eles eram produzidos tendo em vista a época e os interesses por trás da impressão, ou seja, se eram impressos de ordem administrativa, religiosa, se envolviam embates políticos ou impressos literários. Através dessas análises pode-se então dizer que esses estabelecimentos desde sua introdução na Província, tornaram-se parte integrante do cotidiano e elemento indispensável para o processo de modernização sofrido pelo Ceará no período em questão, já que a palavra impressa é tida como grande agente transformador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ceará século XIX. Práticas Letradas. Tipografias.

**ABSTRACT:** The present work aims to carry out a small overview about the history of typography of the capital of Ceará in nineteenth century. It intends to show the beginnings of its development and growth of the activity that has been gaining in importance in the same proportion that Ceará and especially, Fortaleza were inserting in a global context of material advancement, - a fact which is observed with more emphasis on the second half-century, which also resulted in an increase of cultural activities, with emphasis on literacy practices. Then, we sought to execution of this research, confront sources of different types such as newspapers, books season, in which they can identify the typography responsible for its printing, and almanacs, magazines from the Instituto do Ceará and works of memoir. The analysis of the sources cited tried to answer the questions about not only the number of typographical establishments at given moments from the history, but also the kinds of printed papers that were produced by then, taking in consideration the epoch's interests behind the printer, if they were religious, administrative order printed papers or if it involved political clashes or literary printing. Through these analyzes then one can say that these establishments, since its introduction in the Province, have become part of everyday life and essential to the process of modernization suffered by Ceará in the period in question since the printed word is regarded as a major transformer agent.

**KEYWORDS:** Ceará nineteenth century. Literacy practices. Printers.

## Introdução

A chegada dos prelos em boa parte do Brasil foi tardia, isso em decorrência da política da coroa portuguesa que proibia a impressão em sua colônia temendo a proliferação de ideais revolucionários em sua possessão americana. No entanto, a ausência de tipografias durante o período colonial não impedia a prática da leitura, tendo os colonos interessados por livros, que importarem os mesmos de Portugal enfrentando a rigorosa fiscalização da Mesa Censória. Sendo pelos meios legais ou não, várias pessoas, principalmente religiosos, conseguiram manter vastas bibliotecas. (EL FAR, 2006). Só foi permitida a instalação oficial da tipografia com a chegada da família Real portuguesa em 1808 quando foi fundada a Imprensa Régia que manteve o monopólio da impressão até 1822. (HALLEWELL, 1985)

Apesar disso, sabe-se que algumas Províncias nordestinas já possuíam prelos em datas anteriores a do fim do monopólio. A Bahia obteve autorização para imprimir ainda na década de 1810 e teve seu primeiro estabelecimento, sob o comando do português Manuel Antônio da Silva Serva, inaugurado em 1811. Pernambuco já os possuía em 1815, começando sua impressão em 1817, o Maranhão e o Pará já imprimiam em 1821, sendo essas iniciativas possíveis devido à devida autorização real. A chegada do primeiro prelo à Paraíba apenas se deu em 1823 (ABREU, 2010).

Já o “Ceará (o mais importante partidário de Pernambuco na Confederação do Equador) recebeu seu prelo em 1824, quando Manoel de Carvalho Paes de Andrade trouxe-o de Recife.” (HALLEWELL, 1985:121.). Esse movimento de rompimento com o Regime de D. Pedro I espalhou-se por várias províncias do “Norte” do Império capitaneado por Pernambuco. De fato teve no Ceará um grande aliado devido principalmente à atuação da família Alencar cujo um dos membros, Tristão Gonçalves de Alencar se tornou o Presidente da República no Ceará. Era de grande importância para o movimento ter uma maneira eficaz de divulgar seus ideais e realizações e naquele momento essa maneira era através da imprensa, e já estando Pernambuco bem servido nesse quesito era necessário expandi-lo para

seus aliados. Tendo em vista os objetivos citados acima o Presidente do Ceará solicita o envio da tipografia ao colega pernambucano, como confirma Perdigão de Oliveira:

A Typographia foi remettida a pedido do Presidente Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, pelo presidente da Confederação do Equador, Manoel Carvalho Paes de Andrade. Chegou a essa capital em 1824, vindo acompanhada pelo impressor Francisco José de Salles para manter e dirigir seus trabalhos. Installou-se com a denominação de *Typografia Nacional*. (sic) (OLIVEIRA, 1907, p. 359)

Entendendo a importância da imprensa não só para o movimento, mas para o desenvolvimento geral cearense, o qual não podia ocorrer de fato sem a presença da imprensa o Presidente da Província agradece o envio da tipografia e se compromete com o pagamento da mesma

Tivemos a satisfação de receber o Ofício de V. Exc.<sup>a</sup> de 9 do corrente e a Typographia tao util como necessaria a esta Provincia, dentro da qual não ha certamente uma imprensa.

[...]

Queira V. Exc.<sup>a</sup> ter a bondade de scientificar-nos a importancia da Typographia para satisfazer-mos no Thesouro desta Provincia, exhauto de numerario por occasiao das extraordinarias despesas fitas com a marcha de grossos e diversos Corpos de Tropas expedicionarias ás Provincias do Piauhy e Maranhão. (OLIVEIRA, 1907, p. 362)

Porém, o próprio Perdigão de Oliveira acredita na existência de imprensa na província antes da data de 1824. O autor cita folhetos oficiais impressos em 1823(uma proclamação da Junta Provisória do governo da Província) e até mesmo uma Gazeta que teria circulado em 1817. Com relação a esta última, o Barão de Studart afirma ter sido manuscrita e não impressa e que houve sim um periódico de nome Gazeta do Ceará, mas que foi impresso também em 1824 (STUDART, 1924). Infelizmente sobre a tipografia que realmente existia em 1823 pouco se sabe, apenas que era de propriedade particular, provavelmente pertencente a Francisco José Pacheco de Medeiros, negociante da Capital e que imprimia com autorização do governo (BRITO, 2006).

O historiador Geraldo Nobre, em estudo sobre as origens do jornalismo cearense, referindo-se ao Diário do Governo do Ceará, também acredita na presença anterior de prelos na Província

Se havia tipografia em Fortaleza, ou em qualquer cidade cearense, em 1821-1822, é quase impossível ter deixado de ser impresso pelo menos um jornal, fosse a “Gazeta do Ceará”, que de manuscrita passou a socorrer-se dos tipos e do prelo, ou um outro, cuja existência não se pode comprovar até hoje. (...). Também se deve considerar quase impossível que em apenas uma semana, nos seis primeiros dias de abril de 1824, tenham surgido o “Diário” e outro periódico, exatamente com aquele título, como se um não fosse bastante para propagar as ideias dos partidários da “Confederação do Equador”. (NOBRE, 1974, p. 44)

No entanto, aquele que de fato entrou para a História como primeiro fruto da imprensa cearense foi mesmo o Diário do Governo do Ceará, impresso pela Typografia Nacional, posteriormente chamada Imprensa Nacional ou Typografia Nacional do Ceará. O Diário era um órgão da Confederação do Equador sendo utilizado como veículo disseminador de suas ideias. Tendo por redator o Padre Mororó, um dos líderes da Confederação no Ceará, o periódico teve 19 edições todas no ano de 1824, sendo a primeira impressa em 1º de abril e a última edição, já que não foram encontradas de datas posteriores, em 17 de novembro, sendo as duas últimas edições impressas depois do fim do movimento de 1824 tendo servido de veículo para as ideias imperiais de restauração(BRITO, Op.cit.).

Após o surgimento do Diário do Governo do Ceará e da expansão da atividade tipográfica cearense, um sem número de periódicos passou a circular pela Província e, posteriormente, Estado do Ceará, o Barão de Studart conta aproximadamente 98 jornais impressos somente em Fortaleza entre 1823 e 1864. (STUDART. Op. cit.). Eram jornais de cunho político, religioso, literário, humorístico, enfim, a palavra impressa passou definitivamente a fazer parte do cotidiano das pessoas, “criando novas redes de comunicação, abrindo novas opções para o povo e também oferecendo novas formas de controlá-lo” (DAVIS, 1990, p.157).

O século XIX, sobretudo o período que compreende sua segunda metade, é tido pela historiografia tradicional cearense como um período áureo de expansão das letras em Fortaleza, como se a cidade tivesse sido tomada pelas veias jornalística e literária e pelos quatro cantos afluíssem a leitura e a escritura e que a cidade era um grande polo de impressão.

No entanto, é relevante lembrar que apesar de um maior desenvolvimento da imprensa isso não significou que sua expansão tenha atingido a toda a população, tendo em vista a significativa parcela de analfabetos que a compunha, realidade comum à grande maioria das cidades brasileiras no período. Mesmo sabendo da necessidade de investimentos no setor da instrução para colocar o país entre os considerados civilizados, os membros das classes dirigentes pouco fizeram para mudar o quadro, mesmo os republicanos (tendo em vista as expectativas em torno do novo Regime) não conseguiram ou não quiseram acabar com o analfabetismo, ou ao menos diminuir drasticamente seus índices. Era até mesmo interessante a manutenção da grande quantidade de analfabetos, pois deixaria a maioria do povo fora da política, já que "A mudança do critério político para a configuração dos eleitores "esclarecidos", de censitário para alfabetizado, foi uma das artimanhas de setores dos nossos políticos para elitizar ainda mais o poder". (BITTENCOURT, 2008, p. 37).

Mas, mesmo diante do fator analfabetismo e das incipientes ações de apoio à instrução e ao letramento, houve na cidade a disseminação do objeto impresso, por traz da qual estavam as oficinas tipográficas, responsáveis pela produção desse item cada vez mais presente no cotidiano de alguns setores da sociedade fortalezense.

### **Tipografias em Fortaleza**

É sabido que o processo de expansão do Capitalismo se fortaleceu nos oitocentos e que as economias chamadas periféricas passaram a ter grande importância no cenário comercial mundial, conforme afirma Landes

A relação histórica entre a procura e a oferta no decorrer do século XIX foi complexa. Já assinalamos a pressão da demanda interna e externa, em rápido crescimento, sobre o sistema industrial da Inglaterra no século XVIII; essa pressão originou pontos de estrangulamento e tensões, finalmente resolvidos por uma transformação dos meios e do modo de produção. Essa Revolução Industrial, por sua vez, alterou radicalmente o cenário econômico. De um lado, deslocou a ênfase do consumo para o investimento: havia necessidade de capital para construir fábricas e realizar as potencialidades das novas técnicas. De outro, tornou os mercados estrangeiros muito mais importantes, pois mesmo que a taxa de poupança do país não fosse muito alta, o mercado interno seria incapaz de acompanhar o rápido aumento da produção de artigos manufaturados. (2005, pag. 251).

No caso de Fortaleza, a exportação do algodão colocou a cidade na rota dos negócios internacionais. Diante de sua inserção nesse processo internacional e do desenvolvimento comercial pelo qual a cidade passou sobretudo a partir da 2ª metade do século XIX, era indispensável a circulação do objeto impresso, pois este era essencial para a atividade mercantil não só no que diz respeito à publicação de dados oficiais dessa atividade, mas também no que concerne aos anúncios de casas comerciais e mercadorias vindas de diversas partes do Brasil e do exterior.

Por outro lado, além da atividade comercial, o setor cultural, mais precisamente o letrado, também teve uma ampliação de suas atividades. A produção letrada local avança e as pequenas, mas valiosas ações voltadas para a instrução pública ajudam na formação de um público leitor que virá a favorecer o desenvolvimento do restrito mercado editorial da cidade.

Para que o impresso se tornasse objeto comum no cotidiano dos fortalezenses foi por demais importante a atuação das tipografias, ou como eram chamadas, Oficinas Tipográficas. Esses estabelecimentos tiveram importância não só para a popularização dos diversos tipos de textos impressos, mas também para o desenvolvimento do setor manufatureiro da cidade, com status de indústria, pois, no dizer de Geraldo Nobre a "[...] única atividade equipada com máquinas, no Ceará, foi a tipográfica, aliás a mais desenvolvida para as condições da época".(NOBRE, 1989, p. 21).

Diversas foram as tipografias instaladas em Fortaleza desde a chegada oficial do primeiro prelo em 1824. As de maior destaque foram as dos jornais que muitas vezes conseguiam se manter por vários anos devido a renda conseguida com os anúncios e com as assinaturas. Não foram poucos os jornais impressos em Fortaleza, segundo estudo mais amplo realizado pelo Barão de Studart(1898) entre os anos de 1824 e 1898 totalizaram-se 384 periódicos impressos na capital, a maioria de curta duração, algumas vezes com apenas uma edição, mas os dados mostram que a imprensa cada vez mais passou a ser vista pelos diversos grupos atuantes na cidade como veículo indispensável para a propagação das ideias.

Dentre as tipografias de jornais algumas tiveram mais destaque como a do *Pedro II* que além desse periódico de grande circulação, também foi responsável pela impressão de vários outros títulos como *A Cigarra*, *O Furão* e *Sempre Viva*. Outros jornais como o *Colossal*, o

*Cearense* e o *Libertador* também tinham suas oficinas procuradas por aqueles que desejavam fazer circular suas publicações (STUDART, Op. cit.).

O cotidiano da cidade circulava nas páginas dos jornais, desde as ações governamentais aos anúncios de animais desaparecidos, passando pelas notícias policiais e atividades sociais e literárias. A sessão de anúncios, importante para a sobrevivência do jornal, sobretudo para aqueles que não eram órgãos de divulgação de nenhuma corrente política ou religiosa, apresenta muito do dia-a-dia da cidade, pode-se perceber a quantas andava a instrução ( com anúncios de escolas e professores particulares, vendas de compêndios didáticos ou requisição de professores para as escolas públicas); quais os principais ramos do comércio, através das propagandas de casas comerciais e seus produtos. Abaixo, um anúncio da máquina de costura Singer, à venda na loja de Conrado Cabral e Cia., um exemplo da inserção de Fortaleza no roteiro do comércio internacional, retirado do *Libertador*

New-Home, machina de costura a pó. Proprias para modistas, costureiras, alfaiates, camizeiros, & &.

A New-Home está conhecida como a machina de costura melhor do mundo! Nunca se desconcerta e cose desde a mais fina cambráia ao mais rijo couro; é silenciosa, suave e ligeira. Podendo ser tangida até mesmo por uma creança de oito annos!!

Fornecemos preço e esboço dessas machinas a quem nos pedir e remetemos a qualquer parte pelo correio, com porte por nossa custa. (*Libertador*, 14/02/1891)

Com relação à política era através dos periódicos que se travavam as principais disputas. A batalha entre Conservadores e Liberais no Império esteve muitas vezes em destaque nas páginas jornalísticas, até mesmo porque os próprios jornais eram partidários de um ou outro partido, como o *Pedro II* de ideais conservadores e o *Cearense*, que defendia as ideias do partido Liberal, com a proclamação da República os dois ainda se mantiveram por algum tempo, logo encerrando suas atividades, tendo já o *Pedro II* alterado seu nome para *Brazil*. Já o *Libertador* ganhou destaque por defender a causa abolicionista e posteriormente, a republicana, na década de 1890 fundiu-se ao *Estado do Ceará* constituindo-se assim *A República* (STUDART, 1898).

Mas não era apenas de política e propaganda que as páginas dos jornais estavam recheadas. Elas acabaram por se tornar veículos de propagação das letras, pois durante um

bom tempo ainda, ter um livro editado era algo bastante difícil para a maioria dos escritores, sobretudo iniciantes e foi através das páginas dos jornais que muitos autores hoje consagrados fizeram conhecer a si e a suas obras, fazendo com que os chamados folhetins caíssem no gosto do público e ganhassem grande importância, já que conforme afirmam Lajolo e Zilberman: “esse gênero foi o passaporte da cultura impressa consistiu forma e linguagem por meio das quais a leitura literária ultrapassa as fronteiras restritas de uma burguesia letrada e atinge camadas mais amplas da população urbana”(LAJOLO & ZILBERMAN, 1991, p.161). De fato, vários autores, como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, dentre outros publicaram romances-folhetins. No Ceará, a iniciação de novos autores “por motivos óbvios teve nos jornais o instrumento principal, visto como os jovens não dispunham de meios para publicar livros” (NOBRE, 1974, p. 108.). Realmente não era fácil o início de carreira de um escritor no Ceará, bem como no restante do país, na maioria das vezes por motivos não tão ligados às questões literárias. Adolfo Caminha já afirmou que

Há quase sempre, direi mesmo sempre, má vontade para os que ousam estreitar na literatura sem uma carta, um bilhete da apresentação, uma formalidadezinha diplomática, um pedido afetuoso, alguma cousa de oficial e solene. O poeta deve se mostrar humilde (...). Atualmente é de bom conselho dizer o que se pensa em matéria de política republicana. A política já vai penetrando nos domínios da literatura e das artes. (CAMINHA, 1999, p. 29)

Sendo assim, os periódicos eram também veículos da cultura, não só eram a porta de entrada de muitos autores no mundo da literatura, das práticas letradas, como também anunciavam e exaltavam os espetáculos teatrais e musicais realizados na cidade.

Assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento da arte tipográfica em Fortaleza proporcionou maior suporte às práticas letradas na cidade, englobando-se aí a atividade jornalística, a literatura, o ensino e inclusive os debates em áreas públicas ou privadas promovidos a partir da leitura de um periódico ou livro produzido em uma das tipografias locais.

Dentro dos estudos que envolvem as práticas letradas, os tipógrafos juntamente com os livreiros são considerados no entender de Robert Darnton como "intermediários" da literatura (DARNTON, 2010), ou seja, antes de chegar ao destino, ao leitor, o texto passa pelas mãos de

outros sujeitos que darão vida ao livro impresso, no caso o impressor, e o colocarão ao alcance dos consumidores desse objeto do desejo, papel esse dos livreiros.

Em Fortaleza foram intermediários de destaque Joaquim José de Oliveira, Odorico Colás, as firmas Paiva e Cia. e Cunha Ferro e Cia. e mais para o final do século XIX e início de século XX, Gualter Silva<sup>1</sup>, o Barão de Studart e diversos outros que se dedicaram à produção do texto impresso.

Joaquim José de Oliveira foi um dos livreiros mais importantes da cidade e como impressor foi responsável durante muitos anos pela impressão do *Pedro II* dentre outros trabalhos; Odorico Colás, maranhense estabelecido em Fortaleza ainda em 1861, com sua Tipografia Social perpassou várias décadas desde 1860 como um dos principais impressores fortalezenses; já a firma Cunha Ferro e Cia. por meio da Tipografia Universal, destacou-se por imprimir várias obras de autores locais, dentre eles os membros da Padaria Espiritual e do Centro Literário.

A Tipografia Studart, de propriedade do renomado Barão, além de livros e outros produtos tipográficos também passou a ser responsável pela publicação da Revista do Instituto do Ceará.

Já o livreiro Gualter Silva viu um grande negócio na edição de livros e constituiu também uma tipografia, uma das mais requisitadas de sua época. Tinha uma ótima rede de sociabilidades e editava as obras de alguns dos mais renomados autores cearenses como Rodolfo Teófilo.

Fala-se em editores ao se referir aos donos das tipografias mas, mais importante até que esses eram os trabalhadores dessas oficinas, os compositores, tipógrafos de fato, esses profissionais garantiam a fama de seus locais de trabalho e dos autores cujos livros faziam

---

<sup>1</sup> Com a morte do livreiro (1891), a viúva, Izabel Rabello da Silva passou a conduzir os negócios do casal. Com a ajuda do filho, Cezar Silva, administrou a livraria até o final do século XIX e a tipografia Minerva durante alguns anos. Em 1892, um dos fundadores da Padaria Espiritual, o escritor Antônio Sales, o qual estava presente na foto anteriormente descrita, exerceu o cargo de gerente da livraria, já sob o comando da viúva Gualter. Em 1899, a família não era mais dona da tipografia que passara a ser representada por M. Bezerra, o qual deu continuidade aos trabalhos no mesmo endereço, na Rua d'Assembleia n. 4. A família, provavelmente, se desfez da livraria ainda em 1899, já que a partir de 1900 o estabelecimento passou a ser apresentado nos almanaques como propriedade de Militão Bivar, funcionando na Rua Major Facundo n. 74.

surgir. Eram em sua maioria aprendizes e aqueles que se destacavam como referência em seus postos chegavam a isso ainda muito jovens, como no caso exposto por Geraldo Nobre

Daqueles mais jovens salientar-se-ia Manuel Félix Nogueira então com 22 anos, por imprimir o órgão liberal da província (O Cearense) e outros jornais e dirigir uma tipografia da qual saíram bons trabalhos gráficos não só para as repartições públicas (material de expediente) como para as escolas (obras didáticas), de modo a credenciar-se como o primeiro impressor cearense de renome.(NOBRE, 1989, p.113)

No entanto, a maioria dos compositores mantinha-se anônima, porém, no alvorecer do século XX os trabalhadores da já indústria gráfica terão grande importância na luta das classes operárias no Ceará.

Além dos estabelecimentos citados acima várias outras oficinas se fizeram presentes desde o início da atividade tipográfica em Fortaleza. Mais uma vez recorrendo ao estudo feito pelo Barão de Studart acerca dos jornais publicados no Ceará, foi possível elencar as tipografias que atuavam em Fortaleza em diferentes décadas dos oitocentos editando esses jornais e outros impressos, algumas delas se mantendo ativas por mais de uma década como a Patriótica, a Brasileira, d'O Colossal, e a já citada oficina do Pedro II. (STUDART, 1898).

As oficinas tipográficas constituíam uma atividade de referência no setor produtivo de Fortaleza chegando ao 2º lugar em quantidade de estabelecimentos na cidade na década de 1890, perdendo apenas para as padarias, eram estabelecimentos especializados cujos proprietários gozavam de prestígio na sociedade. Com a expansão da produção livreira as tipografias tiveram ainda maior destaque e outras oficinas do ramo se estabeleceram, como oficinas de encadernação.

Com as tentativas de melhorias dos serviços de instrução, as tipografias conheceram um novo papel, o de impressoras de livros didáticos. Muitos professores das escolas locais se propuseram a elaborar seu próprio material de ensino, o que proporcionou um novo produto para os impressores.<sup>2</sup> Muitos eram os compêndios de matemática, gramática, história,

---

<sup>2</sup> Sobre a edição de didáticos nas províncias Aníbal Bragança diz que "É na área do livro escolar onde mais cedo se manifesta a exigência de uma produção editorial autóctone, ao menos nos conteúdos, ainda que, inicialmente, os livros sejam impressos fora do país. A carência de livros fez que o Brasil importasse, especialmente da França e de Portugal, os seus primeiros compêndios e cartilhas, mas logo tornou-se evidente a

explicadores, silabários, enfim, a maioria voltada para o ensino primário e secundário como os *Elementos de arithimética de acordo com o programa de 1º ano do curso normal pelo professor capitão A. Duarte*, de A. Duarte Bezerra, publicado pela tipografia do Libertador em 1887.<sup>3</sup> E como a igreja também se utilizou dos tipos para a promoção do ensino religioso, imprimiu-se o *Catecismo bíblico para as classes infantis* publicado em 1883 também pela tipografia do Libertador. Um outro exemplo que pode ser citado é o do *Compêndio de Geografia de Thomáz Pompeu* impresso na Tipografia do Cearense, jornal do qual o próprio Pompeu era um dos redatores.

No entanto, como o mercado livreiro fortalezense, seja de obras literárias seja de obras didáticas, ainda era incipiente. As tipografias procuravam manter-se também prestando outros serviços e oferecendo outros produtos, como folhas de calendário, papéis para procurações, letras de compra e venda, prestavam serviço aos governos imprimindo documentos oficiais, assim como as oficinas de encadernação também vendiam papel de parede, enfim, bem como as livrarias essas oficinas não viviam apenas do livro.

Mesmo com restrições o mercado do impresso crescia e a necessidade desse produto fez crescer o número de estabelecimentos dedicados a ele. Segundo o Almanaque do Ceará, no ano de 1899 fortaleza contava com 9 tipografias<sup>4</sup>, 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias, ou seja, a cidade estava completamente dotada de equipamentos que possibilitavam a expansão da produção e da comercialização do objeto impresso. O funcionamento dessa cadeia produtiva pode ser observada no seguinte nota do jornal *O Pão*, na qual se comunica a venda de um dos romances de Rodolfo Teófilo "Os Brilhantes", a nota informa o início da distribuição do livro e elogia as oficinas responsáveis pelo trabalho

---

necessidade de nacionalização desses livros, especialmente os do ensino elementar." BRAGANÇA, Aníbal. A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX.S. Paulo: Annablume, 2006, p.553-563.

<sup>3</sup> Esses compêndios foram catalogados de acordo com o **Catálogo das Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel**. Consultado na Biblioteca do Instituto do Ceará.

<sup>4</sup> Os estabelecimentos são Odorico Colás, a Econômica, a Ceará Libertador, a Universal, a Apollo, a Minerva, a Studart, a Costa e Souza, o Atellier Louis (as duas últimas possuindo também oficinas de encadernação).

Começou a ser distribuído pelos subscriptores o primeiro volume deste romance de Rodolpho Teophilo.

A capa executada na Lytografia Cearense é um verdadeiro primor e a impressão, como tudo que sahe das officinas do Cunha Ferro, é esmerada (*O Pão*, 15/11/1895. p. 7)

No que concerne à produção livreira, esta era acompanhada passo a passo pelos autores ou agremiações que incentivavam seus membros a publicar, visto ser muito árdua essa tarefa em terras cearenses, como já foi dito anteriormente. Mas o papel dos prelos de tornar a literatura um agente de comunicação (DARNTON, 2010) estava começando a ser cumprido em Fortaleza.

### **Conclusão**

Desde o surgimento da primeira oficina tipográfica em Fortaleza em 1824, esse tipo de estabelecimento passou a fazer parte do cenário da cidade, tendo muitas delas funcionado por muito tempo, como a Tipografia Brasileira, a Cearense, a de Paiva e Cia., e a de Odorico Colás. Eram responsáveis pela impressão de jornais, documentos governamentais e certamente, livros, que a partir do fim do século passaram a ser um dos principais produtos dessas oficinas.

As tipografias ganharam prestígio no setor produtivo da cidade como sendo uma das poucas oficinas que se aperfeiçoavam e que tinham como produzir uma gama de produtos. Seus proprietários gozavam de respeito e circulavam entre os setores mais bem quistos da sociedade e os tipógrafos passaram a ser um grupo de trabalhadores respeitados e um dos mais atuantes dentre os círculos trabalhadores de Fortaleza, o que se acentuará ainda mais no século XIX.

O Estudo das práticas letradas não pode prescindir de um olhar sobre as tipografias pois são o nascedouro do objeto impresso, primeiros intermediários da literatura e a observação do seu trabalho é importante para a compreensão de aspectos da produção e distribuição de textos impressos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal. (Orgs.). **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. - São Paulo: Editora UNESP, 2010

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRAGANÇA, Aníbal. A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política**. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX.S. Paulo: Annablume, 2006, p.553-563

BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará: origens da imprensa e da tipografia cearenses**. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006.

CÂMARA, José Aurélio. **Livreto comemorativo dos 70 anos da Tipografia Minerva**. Fortaleza.s/e. 1962.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. - Fortaleza: Edições UFC, 1999.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**.-São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. - São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LANDES, David. **Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1870 até os dias de hoje**. -2. ed.- Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. - Fortaleza: Gráfica Editorial cearense, 1974.

\_\_\_\_\_. **O processo histórico de industrialização do Ceará.** - Fortaleza: SENAI/DR-CE. Coordenadoria de divulgação, 1989.

OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. **A imprensa no Ceará.** Revista do Instituto do Ceará. T. 2, 1907.

SILVA, Ozângela de Arruda: **Pelas rotas dos livros:** circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891). Dissertação (Mestrado em História e Teoria Literária). Campinas, SP: [s.n.], 2009

STUDART, Guilherme (Barão de). **Catálogo dos jornais de grande e pequeno porte publicados em Ceará.** Revista do Instituto do Ceará - Fortaleza, 1898.

\_\_\_\_\_. **Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos.** Revista do Instituto do Ceará,- Fortaleza, t. especial, 1924.